

A singularidade da comunicação da cantora Elis Regina no contexto político-social do Brasil.

Marcella Carine Raiol da Paz¹

Instituto de Estudos Superiores da Amazônia

RESUMO

A proposta apresentada nesta pesquisa consiste em mostrar o quanto Elis Regina reinava e reina absoluta até hoje no cenário musical nacional e quanto sua música foi importante para que ela estabelecesse primorosa comunicação para com o povo brasileiro em diversos momentos, sobretudo no período da ditadura militar. A metodologia utilizada nesta pesquisa foi pautada na análise do modelo proposto pelo teórico da comunicação Harold Lasswell, fazendo paralelo com a comunicação estabelecida por Elis Regina. Seu ato comunicativo não tinha barreiras, nas entrevistas que concedia falava tudo o que pensava ou quase tudo, uma vez que em seu tempo a repressão estava sempre alerta para aquilo que pudesse estar contra a seus tortos princípios. A referida cantora, desta forma, foi eleita pela grande maioria da população como sua porta-voz, assim, aquilo que era dito por ela, fosse em verso ou prosa era facilmente captado. Talvez seja esse um dos fatores contribuintes para que Elis Regina seja considerada como a grande e insubstituível cantora e comunicadora brasileira, como será visto no decorrer deste artigo.

Palavras-Chave: Elis Regina. Música. Comunicação Social.

1 INTRODUÇÃO

(Comigo é Assim – José Menezes e Luiz Bittencourt)

Elis Regina é detentora de uma personalidade e domínio musical transcendentes. Mesmo após mais de trinta anos de sua morte ela continua atual, comunicativa e expressiva, em gestuais fortes carregados de pura emoção sempre visíveis em suas apresentações impecáveis registradas desde o início de sua carreira, como quando surgiu na década de 1960, para honra e glória da música brasileira, cantando no primeiro festival de MPB na TV Excelsior, a música "Arrastão" composição de Edu Lobo e Vinícius de Moraes. Nesta apresentação ela cantava com braços erguidos em um forte balançar, girando-os sem parar, ganhou nesse momento o apelido de "Eliscóptero". Fazendo jus à alcunha que lhe foi dada, Elis voou alto, muito mais que um helicóptero, se tornou inalcançável.

¹ Carine Raiol da Paz Correio, comunicadora formada pelo Instituto de Estudos Superiores da Amazônia.

Suas obras fonográficas a perpetuaram no cenário musical e em certos momentos no cenário político, já que Elis era o que se podia chamar de a voz impossível de ser calada nos sombrios anos de chumbo promovidos pela ditadura militar. Em seu espetáculo intitulado “Falso Brilhante” estreado no ano de 1975, Elis fazia críticas severas a ditadura. Em dado momento ela em posse de uma postura ferina faz uma simulação das consequências das práticas de tortura, se posicionando de joelhos e com fio do microfone envolto no pescoço, como se estivesse cometendo suicídio.

Segundo Berlo (1999. p.154) “a comunicação aumenta a possibilidade de similaridade entre as pessoas, aumenta as possibilidades de que as pessoas possam trabalhar juntas para a consecução de um objetivo”. Neste momento percebe-se que a postura de Elis durante suas apresentações, ou seja, os gestos fortes aliados a uma entonação mais vibrante servia para que o público que estava assistindo aos shows tomasse o conhecimento das situações que assolavam o país e saíssem da apresentação com o desejo de mudar a realidade que estava sendo vivida, pois este era o objetivo pretendido por Elis e compreendido pela plateia.

Como citado, era essa finalidade de Elis, fazer com que todos através da música pudessem transformar o país para melhor, dessa forma lutava usando sua maior arma, a voz, para expressar sua indignação e repulsa contra a conjuntura que o país estava imerso, e tudo mais que estivesse fora da legalidade. Cantou aquele momento crítico como ninguém, e merecidamente ganhou dos compositores João Bosco e Aldir Blanc no ano de 1979, a música “O Bêbado e a Equilibrista”, canção que se tornou o hino da anistia, marcando a volta de todos aqueles que se encontravam em exílio.

É latente a força comunicacional que Elis detinha, por mais que não tivesse completado os estudos regulares, possuía uma sabedoria inesgotável, não titubeava em suas respostas, falava o que pensava, e foi criticada por parte daqueles que não a compreenderam e/ou não estavam preparados para ouvir a verdade de uma forma tão direta. Um caso que elucida o exposto está na participação de Elis Regina na abertura das Olimpíadas do Exército, em 1972. Durante uma viagem à Europa em 1969, ela declarou que o Brasil era governado por gorilas. Isto fez com que a cantora fosse obrigada a cantar o hino nacional na referida Olimpíadas. O povo neste momento indignou-se com a atitude de Elis, não compreendiam como a maior combatente daquele período atroz poderia repentinamente “mudar de lado”. O motivo da atitude estava nas ameaças que ela sofreu por parte do regime militar, por conta da declaração

dada três anos antes. Elis não teve escolha e cantou o hino, e foi injustamente criticada pela maioria que não tinha conhecimento de causa.

Ainda sobre sua eloquência e disposição para lutas, destaca-se a fundação da ASSIM², uma associação criada por Elis que pretendia assegurar os direitos trabalhistas dos músicos brasileiros. Nesse período, Elis sentia que lutava praticamente sozinha para a obtenção de melhorias para a classe dos músicos, mesmo assim lutou e conseguiu um tratamento mais digno para com eles. Como costumava dizer, Elis queria que o músico vivesse decentemente, e fez o que pode para tornar viável esta busca.

A proposta aqui apresentada mostrará o quanto que esta cantora singular e irretocável será sempre sinônimo de comunicação plena, seja esta por meio do corpo ou da voz, atributos que fizeram dela a grande mentora e comunicadora da música popular brasileira. Portanto, muita atenção, pois Elis irá apresentar-se aqui por meio desta pesquisa a partir deste momento, porém uma certeza já pode ser consolidada: depois de Elis, a MPB não será como antes.

2 SEI QUE NADA SERÁ COMO ESTÁ, AMANHÃ OU DEPOIS DE AMANHÃ

(Nada Será Como Antes – Ronaldo Bastos e Milton Nascimento)

Elis Regina pode ser considerada como a maior comunicadora que não somente a música brasileira como também o Brasil já teve conhecimento. A partir de agora será destacado três de seus espetáculos que irão reforçar a afirmativa anterior, são eles: Falso Brilhante, Transversal do Tempo e Saudade do Brasil, todos estes tinham como característica acentuada a crítica imposta pelo regime militar.

Começando com Falso Brilhante, que foi considerado um dos mais suntuosos espetáculos que o Brasil teve conhecimento, e que durou de dezembro de 1975 até fevereiro de 1977, pode ser evidenciado a força da comunicação vocal e corporal de Elis, para com o público, como será elucidado. O espetáculo tinha ares circenses, nele todos os integrantes de sua banda estavam vestidos e maquiados a caráter bem como sua cantora. Para que fosse possível o show se realizar, Elis teve de adaptá-lo, pois a censura estava em alerta contínuo e não permitia vacilo, conforme Mateus de Andrade Pacheco (2009).

² ASSIM: Associação de Músicos e Intérpretes, fundada por Elis Regina em 1978.

Ao analisar um trecho do DVD Falso Brilhante, lançado em 2006 em um box, onde Elis o inicia com um *medley*, a cantar músicas de autores internacionais e outras que glorificavam o Brasil, que são: Olhos Verdes (Vicente Paiva), Diz Que Tem (Vicente Paiva e Aníbal Cruz), Canta Brasil (Alcyr Pires Vermelho e David Nasser) e Aquarela do Brasil (Ary Barroso), a dedução que surge, conforme Mateus de Andrade Pacheco (2009), seria que todas estas músicas em que o amor ao país é proferido de maneira escancarada, não deveriam mais serem cantadas, por este ser um ato fadigoso e vazio dentro daquele contexto atual de um país assolado por barbáries causadas pelo regime militar. Essa conclusão foi elucidada pelo fato de que Elis após interpretar as duas músicas finais que compõe o tal *medley* (Canta Brasil e Aquarela do Brasil) e bisar por três vezes o trecho, *No céu, no mar, na terra, canta Brasil*, simular um desmaio, mostrando de maneira subliminar e que certamente não passou despercebida pelo olhar dos mais atentos, que cantar exaustivamente o Brasil já não possuía a menor relevância naquela triste conjuntura, pois mensagens de cunho esclarecedor precisavam chegar a todos, e não mais a propagação em verso cantado das belezas e riquezas naturais do país. Nesse momento é detectável o poder comunicativo de Elis. Conforme Vilalba (2006. p. 45), “para poder existir, toda manifestação comunicacional exige uma certa quantidade de recursos materiais. Por exemplo, a energia corporal aplicada no esforço expressivo[...]

Foi o que fez Elis durante todo espetáculo. Utilizou sua voz e seu poder cênico para estabelecer uma ampla comunicação com todos aqueles que estavam assistindo a Falso Brilhante. Como dito no início, o show fazia críticas também ao modo como eram vistos os artistas, uma vez que o trabalho deles era percebido como algo de puro glamour e inúmeras facilidades, afirmações que foram ditas algumas vezes por Elis. A partir da verificação de fotos e do vídeo citado mais acima, vê-se todos os músicos que participaram deste espetáculo vestidos como componentes de um circo, daí surge a indagação: não será esta uma forma de criticar também o modo como o profissional de música estava sendo notado, podendo ser deduzido desta forma que o músico seria notado como um palhaço no sentido pejorativo? Talvez a resposta para essa pergunta seja afirmativa, uma vez que Elis sempre mostrava-se indignada com a falta de respeito e valor que a indústria fonográfica e programas de TV tinham para com o músico.

Em entrevista no ano de 1978 para o programa Vox Populi exibido na TV Cultura, Elis ao ser perguntada pela cantora Ângela Maria o porquê dela ter se ausentado de programas de TV, Elis categoricamente responde:

Eu fui convidada para fazer um programa de televisão, um plástico desses aí, e quando eu cheguei ao estúdio o cara perguntou sabe o quê? O que você vai fazer? Falei, cantar. Ele falou, só? Aí eu fui pra casa, porque a única coisa que eu sei fazer é essa, e se não serve... Só? Eu fui embora. No dia em que pessoas não precisem passar mais pelo vexame de ouvir esse tipo de pergunta: Você vai cantar, só? Aí dá pra transar. Porque eu gosto de cantar, como você [Ângela Maria] também gosta de cantar. Eu quero chegar e cantar, não quero falar, não quero dançar, não quero contar piada, não quero botar roupa de vedete, me encher de pluma... Já fiz esse troço, sabe? Já me violencei o suficiente, por medo, por covardia, por uma porção de coisas. E como me fez muito mal, eu não quero voltar a fazer coisas que me façam mal.

Nesta resposta fica clara a indignação de Elis em referência ao tratamento recebido pelo músico. Tem-se a impressão na fala da cantora que este deveria estar sujeito a qualquer situação que lhe fosse apresentada, sem o mínimo de respeito a essa classe. Daí a primeira fundamentação para a forma com que Falso Brilhante foi apresentado, tendo em vista que além do visual do show (representando circo), Elis ao cantar certas canções, utilizava escárnio, zombando das situações por ela apresentada naquele momento, de acordo com Mateus Andrade Pacheco (2009). Vale lembrar que este show contava de forma teatral, desde a saída de Elis de Porto Alegre até o momento em que vivia, e em entrelinhas criticava a ditadura militar.

A segunda fundamentação para a proposta de Falso Brilhante em relação a não devida valorização do músico, está por parte agora já não mais da TV e sim pela indústria fonográfica. Elis Regina foi presidente da ASSIM (Associação de Intérpretes e Músicos) fundada em fevereiro de 1978, que pretendia arrecadação e distribuição dos direitos dos músicos e intérpretes. Elis não se conformava com a situação econômica do músico brasileiro. De acordo com Ashiro (2011. p. 195), Elis fala da luta pelos direitos dos músicos.

Não sou do tipo que manda recado, digo o que tenho a dizer e tenho provas suficientes que mostrarão o quanto temos sido ludibriados durante todos esses anos pelo pelegos que se apossaram da Ordem dos Músicos e de todas essas entidades que, embora criadas para nos proteger, o que fizeram é nos roubar. E descaradamente.

Mais um motivo que leva a supor que Falso Brilhante pretendia fazer críticas a tudo que fosse irregular. Desde o regime militar que imperava no país naquela época até o descaso para com o músico brasileiro, pois como Elis falou no programa Jogo da Verdade de 1982, quando questionada sobre a intenção da ASSIM ela disse: “a gente quer que o músico viva decentemente”. E por sua disposição para lutas foi eleita presidente da associação trabalhando com a bravura que lhe era peculiar.

Ainda sobre o espetáculo Falso Brilhante, será agora destacada a música, “Agnus Sei”, composição de João Bosco e Aldir Blanc. Esta composição será evidenciada pela maneira como foi executada no show. “Agnus Sei” fazia uma crítica áspera à ditadura militar. Elis começa cantando aos berros a música, fazendo com que todos os que ali estavam presentes pudessem através daquela representação sentir todo o drama proporcionado pelo regime cruel aplicado pelos militares. Sobre esse momento do show, quando Elis simula um suicídio, haja vista que muitos cometeram tal insanidade pela falta de força para lutar contra o regime militar, o Site Documentos Revelados (2012) diz:

[...] canta “Agnus Sei” de maneira incisiva: **“ah, como é difícil tornar-se herói / só quem tentou sabe como dói / vencer satã só com orações...”** Satã era a ditadura. Vencê-la só com orações (representando as canções, livros, peças da época) não era tão fácil como poderiam imaginar aqueles que pegaram em armas e partiram para a clandestinidade.

Pode-se analisar neste caso que Elis utilizaria todos os recursos possíveis para alertar ao povo brasileiro sobre as atrocidades vividas naquela época sombria. Comunicar através do corpo fazendo simulações daquele contexto e da entonação empregada de maneira sempre oportuna em canções que narravam o período e a conjuntura daqueles anos, era o objetivo explícito não somente de Falso Brilhante, mas também de Transversal do Tempo e Saudade do Brasil, todos esses shows foram incomparáveis no quesito comunicação. Sobre esta verdade, se traça um paralelo com o que foi exposto por Berlo (1999. p. 177), que diz:

Ao comunicar, procuramos realizar objetivos relacionados com a nossa intenção básica de influenciar o ambiente e a nós mesmos. É comum queremos que os nossos receptores deem certas respostas, que fiquem sabendo de determinadas coisas, que acreditem nisto ou naquilo, que sejam capazes de fazer coisas diversas. Para a realização desses propósitos, estamos limitados à produção de mensagens. É verdade que podemos pensar nas mensagens de várias formas, podemos analisar-nos e ao receptor com graus diversos de habilidade. Não obstante, a comunicação pode invariavelmente reduzir-se ao desempenho de um conjunto de comportamentos, à transmissão ou recepção de mensagens.

Ao fazer a leitura do fragmento acima é verossímil dizer que Elis já percebera seu potencial como comunicadora, e em posse disto utilizava sua eloquência para que a dialética pudesse se dar de maneira brilhante.

O espetáculo Transversal do Tempo tinha a pretensão de mostrar ao Brasil e ao mundo, uma vez que este foi apresentado em alguns países da Europa, não somente a ditadura militar que dava sinais de declínio, mas que ainda tinha força para represálias

no país, como também queria comunicar de maneira mais intensa, valendo-se dos recursos que Elis utilizava para interpretar as músicas do show, querendo assim provocar reflexão e ação daqueles que o assistiam, para os problemas sociais necessitados de maior divulgação. E assim as verdades eram ditas nas letras de canções como “Saudosa Maloca” de Adoniran Barbosa, que conta o drama vivido por pessoas que cruelmente são despejadas de seus lares, tendo seus pertences jogados no meio da rua, sem a mínima compaixão, sendo obrigados a viverem ao relento.

(...)
Foi ali, seu moço
Que eu, Mato Grosso
E o Joca
Construímo
Nossa maloca
Mas, um dia
Nóis nem pode
Se alembra
Veio os home
Co as ferramenta
O dono mandô
Dirrubá...

A partir de análises visuais e auditivas, percebe-se que a comunicação estabelecida por Elis Regina, era muito bem estruturada, pois não bastava apenas soltar a voz e cantar, além disso era necessário correlacionar a música, a letra, a interpretação e a entonação, todos esses eram fatores que uma vez agregados, tornavam-se cruciais para que o ato de comunicar fosse amplamente percebido.

Ainda analisando algumas canções do espetáculo em tese, destaca-se a música “Construção” de Chico Buarque, que mostra a morte de um operário da construção civil que cai acidentalmente da obra na qual trabalhava e fica exposto morto no meio de uma via pública onde os transeuntes passam indiferentes ao corpo caído, uma canção que fala da falta de envolvimento de um ser humano para com o outro, onde o empregador não se preocupa em dar segurança a essa classe de trabalhadores, uma canção que retrata a falta de sensibilidade para com a vida de outrem.

(...)
Sentou pra descansar como se fosse sábado
Comeu feijão com arroz como se fosse um príncipe
Bebeu e soluçou como se fosse um náufrago
Dançou e gargalhou como se ouvisse música
E tropeçou no céu como se fosse um bêbado
E flutuou no ar como se fosse um pássaro
E se acabou no chão como um pacote flácido
Agonizou no meio do passeio público

Morreu na contramão atrapalhando o tráfego...

Segundo Filipe Macedo (2013) “Querelas do Brasil”, de Maurício Tapajós e Aldir Blanc, é uma composição amplamente crítica, ao dizer que Brasil com Z desconhece a rica cultura de Brasil com S. Ao longo da canção, nossa língua, nossa natureza e personalidades de suma importância de nossa música e poesia são mencionados, a fim de informar a todos sobre a necessidade de valorizar o que é nosso. A música serve como um clamor do Brasil a si mesmo, pois ele não podia continuar se ignorando e nem permitir que Brasil com Z interferisse em sua identidade.

O Brazil não conhece o Brasil
O Brasil nunca foi ao Brazil
(...)
O Brazil não merece o Brasil
O Brazil tá matando o Brasil...

As músicas referenciadas aqui foram apenas algumas das muitas apresentadas em Transversal do Tempo, porém estas foram escolhidas para que se pudesse entender um pouco do espírito do show. Elis utilizando sua arte para alertar, retira as pessoas da inércia, pois era uma agitadora, positivamente falando, não se conformava com o comodismo era preciso fazer algo para mudar aquela situação toda.

No especial exibido em 1982 na TV Globo, intitulado Agora Sou Uma Estrela, pouco após a morte de Elis, onde eram enaltecidas frases marcantes ditas por ela, uma chama atenção: “Não existe a menor possibilidade de você ser cidadã até determinada hora do dia, e daí por diante você ser artista. Eu sou artista e cidadã 24 horas por dia[...]

Sem dúvida Elis Regina era uma cidadã-artista, e não ao contrário. Pois não ficava inerte as irregularidades, mesmo muitas vezes se arriscando em demasia, ela comunicava, tinha o dom de comunicar, falava destemidamente. Ao fim de uma entrevista para o programa Jogo da Verdade exibido na TV Cultura em 1982, onde foram feitas perguntas sobre o período de censura, a falta de respeito para com o profissional de música, entre outros assuntos, Elis deu a seguinte resposta:

Eu falei umas coisas que periga até eu me danar por elas, eu falei o que dava pra eu falar. Que eu falei pra você, tenho algum coringa escondido, porque eu também não sou boba de dizer tudo que eu penso, se não amanhã eu tô desempregada pra toda vida.

Falar era a ação que Elis mais gostava de executar, e através de sua fala ela mostrava a todos que para melhorar de maneira significativa o país era preciso movimentação. Seus espetáculos visavam sensibilizar a plateia, ao elaborá-los pensava nas questões políticas, sociais e os erros que precisavam ser denunciados acerca de sua profissão. Elis tinha como meta o bem estar comum, e fez o que estava ao seu alcance para tornar viável seu objetivo.

Vilalba (2006. p. 86) lança a seguinte pergunta:

Como a comunicação pode colaborar com o desenvolvimento da razão na consciência das pessoas? Como a comunicação pode favorecer a construção de um mundo que valorize a razão e que seja, por isso, um mundo mais adequado à vida humana?

Certamente Elis responderia tal questionamento afirmando que o uso da música como ferramenta de mudança para uma forma mais justa de vida, seria algo indispensável. O artista deveria utilizar sua arte para esclarecer, enriquecer culturalmente seu público e informar. Como disse para o jornal Folha de São Paulo em março de 1977, que “o artista tem que ter como função algo mais além de ser afinado e escolher bem o repertório: tem que alertar dar o toque, especialmente num país como Brasil, onde se valoriza tanto a música”. Eis o motivo que era necessário levar em consideração, uma vez que o Brasil prima tanto pela música, por que não se valer dessa afirmativa e levar ao povo através do verso cantado a possibilidade de uma nova consciência transformadora positiva?

Despertar a compreensão do povo foi algo que Elis fez com maestria até o fim, fosse no palco ou fora dele. Saudade do Brasil será o último espetáculo a ser analisado e que evidentemente não fugiu desta regra.

No ano de 1980, Elis Regina declarava que sentia saudade do tempo presente não resgatado. Não era apenas saudade do passado, e sim de coisas que existiam, mas que foram deixadas de lado. As causas desse esquecimento poderiam ser várias e uma delas talvez tenha se dado devido a massificação do estrangeirismo naquele momento, que fazia com que o Brasil se despersonalizasse, e passasse por um período de amnésia histórica.

Uma canção presente no referido espetáculo e que serve para elucidar o que está sendo dito, chama-se, “O Que Foi Feito Deverá”, composição de Milton Nascimento e Fernando Brant, a letra faz alguns questionamentos acerca dos rumos que o país estaria tomando naquele momento. A composição diz:

O que foi feito, amigo, de tudo que a gente sonhou?
O que foi feito da vida, o que foi feito do amor?
Quisera encontrar aquele verso menino
Que escrevi há tantos anos atrás
Falo assim sem saudade, falo assim por saber
Se muito vale o já feito, mais vale o que será

Pode ser detectado nos versos acima, a saudade de um país que estava perdendo sua capacidade de expressão e também sua identidade cultural, os tais “versos” citados na música, sucumbia muito provavelmente pela maior valorização que a música estrangeira estava tendo, fato este que para Elis era inaceitável. As composições americanas em sua grande maioria eram alienadoras, não acrescentavam nada, apenas faziam com que o Brasil esquecesse seu passado.

Em sua entrevista ao programa Vox Populi (já citado anteriormente) Elis comenta sobre o fato de que a música nacional precisava de um amparo maior, uma vez que esta é inconteste quando se trata da história do país.

Quando a gente fala de proteção a música nacional, não quer dizer que a gente esteja brigando contra a música estrangeira em específico, não é nada disso. A gente briga é contra a música de péssima categoria estrangeira que está sendo executada no Brasil, eu acho que quanto a isso a gente não pode nem dizer que não se estar falando uma verdade. Esse chibum-chibum-chibum de discoteca que tá pintando aí, eu juro que não nem o melhor de lá, lá deve ter coisa melhor, é o que de pior tá sendo executado aqui. Então em princípio a gente não pode ser contra a música estrangeira porque de repente você pode tá sendo contra Duke Ellington, e aí a gente tá sendo imbecil. Então, a música estrangeira a gente não é contra, a gente é contra a uma imposição de música estrangeira, que o mercado de trabalho que pela sua própria constituição já é estreito e que vem ainda estreitar mais a coisa. Então quando a gente fala em proteção de cultura, a gente tá mais ou menos falando a mesma linguagem daquele moço que é dono do laboratório pequenininho que faz pílula a muito tempo e que de repente tá em vias de ser deslocado no mercado por um grande laboratório alienígena. Entendeu? Quer dizer, o problema de lidar com música faz com que a coisa pareça um pouco mais romântica, um pouco mais bonita, mais em termos de imposição de multinacional é exatamente o mesmo e toda gravadora é multinacional. Então a preocupação da gente é muito a longo prazo, quer dizer, é terrível você chegar a uma cidade chamada Tracunhaém, que é uma das bases da cultura popular, da cerâmica popular do nordeste em Pernambuco, e ver aqueles meninos que estão fazendo seus bonequinhos de barro, cantando essas músicas que estão passando como fundo de novela na televisão, falando uma língua que não é exatamente a nossa, entendeu?

Em sua fala Elis demonstra o inconformismo frente à “invasão” de outras culturas dentro do Brasil, uma situação que precisava ter maior atenção para que os brasileiros não comesçassem a cultivar algo vazio que não agregaria valores em relação a sua história, muito pelo contrário, faria com que a missão comunicativa e informativa de

grande parte da música nacional daquele período, anulasse tudo o que havia sido conquistado até então. O ato de ouvir com maior assiduidade a música estrangeira era algo que preocupava Elis, que sempre primou pela comunicação que estabelecia para com seu público através das composições que interpretava, composições essas que sempre esclareciam e alertavam para o contexto no qual o país estava inserido. Daí a indignação da cantora, em ver seu público tendo a atenção voltada para letras vãs, que eram opostas a tudo aquilo pelo qual ela sempre lutou.

Ainda nessa entrevista a Vox Populi, Elis seguiu dizendo, sobre o fato de que até a língua portuguesa estava sendo esquecida:

A coisa já tá chegando a um ponto de loucura tal, de massificação tal, que ok, é a mesma coisa que tudo bem, entendeu bicho? [Elis nesse momento usa um tom de deboche] É isso aí, tá tudo assim, tá sabendo? É isso aí malandro. [Elis volta a falar seriamente] E não dá pra viver num país assim, né? Quer dizer, eu acho que tá tudo bem, tem uns carinhas que tem uns xarás, tá tudo certo, eu não sou nada contra não, mas que haja um lugarzinho assim [Elis faz um gesto com os dedos indicando pequena quantidade] pras pessoas que estão preocupadas com pelo menos agir em português, né? Tá difícil. O incentivo inexistente.

Elis estava correta em seu ponto de vista, pois não poderia ser concebida a ideia de que a identidade nacional perdesse espaço para uma cultura que nada tinha haver com a nossa, nem tão pouco com a história do Brasil. Elis Regina fez tudo o que podia para mudar essa situação, fazia críticas inúmeras ao que estava acontecendo, gravava canções que combatiam o estrangeirismo, como é o caso de “Querelas do Brasil”, e criou o espetáculo Saudade do Brasil, que tinha como uma de suas vertentes o “combate” contra a despersonalização do país.

O show era inteiramente prognóstico, uma vez que através da maioria das canções o anúncio de boas novas era dado, claro que também como não poderia ser diferente, críticas enrustidas as truculências do regime militar continuavam a serem feitas por meio da outra parte das músicas, como é o caso da canção “Menino”, de Milton Nascimento e Ronaldo Bastos, que conta a história de um estudante que foi assassinado pelos militares durante um manifesto contra a ditadura. A letra diz:

Quem cala morre contigo
Mais morto que estás agora
Relógio no chão da praça
Batendo, avisando a hora
Que a raiva traçou

A música em seus versos finais diz que, “*quem grita vive contigo*”, ou seja, era impossível calar-se, por mais que o regime militar estivesse ruindo era necessário continuar relembrando os acontecimentos dessa época sombria, para que nada similar pudesse acometer o país novamente. O grito, que a música se refere, seria na verdade a comunicação que se fazia necessária para com o povo, esquecer era um verbo que não poderia ser conjugado nunca.

Como está sendo percebido até este momento, o show Saudade do Brasil, almejava testar o nível de lucidez do público presente, e Elis estava ali para lembrar que apesar de uma mudança estar próxima, o passado não poderia ser ignorado sobre nenhuma hipótese. Daí a mistura dos temas das canções apresentadas no espetáculo em tese. Algumas canções românticas, outras de crítica ao estrangeirismo, outras de prenúncio de um novo tempo e aquelas que se infiltravam no meio dessas tantas, como uma forma de alerta para a não perda de memória do povo brasileiro.

O que Elis traçou como meta durante o Show Saudade do Brasil, foi tentar fazer com que o povo brasileiro valorizasse mais sua pátria. O objetivo do tal espetáculo foi dito pela própria cantora numa entrevista nos bastidores do mesmo, em 1980:

Se a gente com esse espetáculo conseguir plantar uma sementinha verde e amarela, na cabecinha das pessoas que vem ao Canecão que é a casa mais louca desse país, porque ela propõe tudo ao contrário. Ela propunha que ele fosse inglês, que ele fosse americano de preferência, porque é o grande modelo, afinal drink coke and be happy. A gente tá em crise de identidade, esse país foi um país, ele foi um país lindo, colorido, sabe? Bonito, cheio de Jucelino, cheio de figuras bonachonas... Não importa era uma coisa da gente, gerada pela gente, parida pela gente e sustentada pela gente, confrontada pela gente, que de repente tá sendo aviltada por uma cultura que não tem nada haver com a gente. É muita coca-cola pra minha cabeça.

Elis em sua fala esclarece a causa pelo qual o show estava sendo feito. Quando ela diz que o Brasil foi lindo, ela apresenta o porquê da saudade que estava sentindo. As coisas haviam mudado pela falta de memória dos brasileiros que por deterem um caráter tendencioso, já estavam voltados para uma nova cultura estrangeira a eles apresentada, dessa forma começavam a esquecer de sua história, e era justamente isso que Elis não queria permitir. Era fundamental relembrar ao povo de todas as situações boas e ruins que o país atravessou por tudo fazer parte da identidade da nação.

Os espetáculos, Falso Brilhante, Transversal do Tempo e Saudade do Brasil, tinham o objetivo central de levar esclarecimento aqueles que os assistiram. Cada um teve seu alvo, porém todos visavam a informação, o conhecimento necessário que os expectadores deveriam ter acerca do contexto em que viviam.

Não há dúvida de que Elis tinha primazia em comunicar, e essa sempre foi a meta de todos os shows que elaborou. Ao detectar que algo precisava ser esclarecido, ela promovia espetáculos que serviam para alertar sobre as mazelas do período em que estava. Sobre o processo comunicativo estabelecido por Elis, é traçado um paralelo com o modelo de comunicação criado por Harold Lasswell, que o site Univ-ab.pt define como, “processos assimétricos com um emissor ativo, que produz o estímulo e uma massa passiva que reage ao estímulo. A comunicação é intencional e tem por objetivo um efeito já determinado (manipulação)”.

A partir do conceito citado pode-se dizer que Elis queria fazer com que todos aqueles que a ouvissem tivessem uma reação frente aos acontecimentos por ela mostrados através de suas canções. Lasswell estruturou o entendimento sobre o que seria comunicação, após a resposta das seguintes perguntas: Quem? Diz o quê? Através de que canal? A quem? Com que efeito? Na teoria apresentada os questionamentos poderiam ser respondidos da seguinte maneira: Elis Regina como a grande comunicadora da MPB, transmitia sua verdade através das canções que interpretava ao público, com a intenção de esclarecê-los sobre a conjuntura na qual o Brasil estava inserido, nesse caso o período da ditadura militar.

O esquema abaixo mostra de forma clara a intenção de Elis utilizando como base a teoria de Lasswell.

Figura 1 - Modelo adaptado, de Lasswell, 2014.



Fonte: Teoria da Comunicação: Conceitos Básicos. p.75. 2006.

Dessa forma entende-se que a cantora tinha excelência em sua comunicação, já que Harold Lasswell, afirmou que o ato de comunicar para ser bem estabelecido deveria responder as perguntas por ele elaboradas, e assim fez Elis através de sua obra e eloquência, respondeu com êxito aos questionamentos de Harold, reiterando a certeza de que ela foi a maior comunicadora da Música Popular Brasileira.

3 CONCLUSÃO

A temática desta pesquisa foi algo pensado com muita cautela, afinal não é simples falar do potencial comunicativo de Elis Regina, dentro do cenário musical e político-social através das canções que interpretava e de seu posicionamento de cidadã-artista. Muitas audições da obra da cantora, entrevistas para rádio e TV, foram feitas, tudo foi ouvido e analisado por diversas vezes, para que a essência daquilo que ela cantava ou dizia pudessem ser compreendidos de fato, tornando possível a escrita deste artigo.

A convivência com Elis durante este trabalho proporcionou novos conhecimentos dentro da área da comunicação, pois neste período onde tudo era ouvido e visto com muito critério, foi possível obter maior compreensão do ato de comunicar, uma vez que a partir das análises da postura de Elis Regina foi percebido quais são os elementos fundamentais para que a boa comunicação exista.

A conclusão a que se chegou ao longo da elaboração deste artigo, foi que Elis Regina é a maior comunicóloga que a música popular brasileira teve registro. Não, Elis não era bacharel em comunicação social, mas este título se deve ao fato de que ela independentemente de sua escolaridade, é a grande especialista na arte de comunicar.

A partir do modelo padrão de comunicação proposto pelo teórico Harold Lasswell, que consistia na resposta das perguntas: Quem? Diz o quê? Através de que canal? A quem? Com que efeito? Pode-se perceber que com primazia Elis respondia a todos os questionamentos propostos. Um fato que implica na consolidação de que a cantora é a maior comunicadora que a Música Popular Brasileira teve a honra de ter em seu cenário, por um curto e jamais esquecido período. Elis Regina seria para Lasswell um padrão a ser seguido no âmbito comunicacional.

Este artigo é finalizado com uma certeza consolidada: A comunicação que a Pimentinha da MPB estabelecia perpetuou-se. Elis Regina será para sempre a força que alerta e a voz que não se apaga.

Referências:

- ARASHIRO, Osny. **Livro clipping**: Elis Regina por ela mesma. São Paulo: Martin Claret, 2011.
- BARBOSA, Adoniran. Saudosa Maloca. Interprete: Elis Regina. Disponível em: <<http://letras.mus.br/elis-regina/140800/>>. Acesso em: 9 set. 2014.
- BERLO, David Kenneth. **O processo de comunicação**: introdução à teoria e a prática. Martins Fontes, 1999.

- BLANC, Aldir. Querelas do Brasil. Interprete: Elis Regina. Disponível em: <<http://letras.mus.br/elis-regina/140808/>>. Acesso em: 5 mar. 2014.
- BRANT, Fernando; BORGES, Márcio; NASCIMENTO, Milton. O Que Foi Feito Devera. Interprete: Elis Regina. Disponível em: <<http://letras.mus.br/elis-regina/112694/>>. Acesso em: 5 mar. 2014.
- BUARQUE, Chico. Construção. Interprete: Elis Regina. Disponível em: <<http://letras.mus.br/elis-regina/91013/>>. Acesso em: 8 mar. 2014.
- FOLHA DE SÃO PAULO. São Paulo, 1978. Disponível em: <<http://acervo.folha.com.br/fsp/1978/03/14/21/>>. Acesso em: 19 ago. 2014.
- MACEDO, Filipe. **É pau, é pedra, é o fim do caminho?**, 2013. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=mGwz168JNNo>> Acesso em: 8 mar. 2014.
- MODELO Lasswell. Video grafia. <<http://www.univ-ab.pt/~bidarra/hyperscapes/video-grafias-263.htm>>. Acesso em: 9 set. 2014.
- NASCIMENTO, Milton; BASTOS, Ronaldo. Menino. Interprete: Elis Regina. Disponível em: <<http://letras.mus.br/elis-regina/248629/>>. Acesso em: 8 mar. 2014.
- PACHECO, Mateus de Andrade. **Elis de todos os palcos: embriaguez equilibrista que se fez canção**. Brasília: UNB, 2009. 256 f. Dissertação de Mestrado - Programa de Pós-Graduação em História. Universidade de Brasília, 2009. Disponível em: <http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/4424/1/2009_MateusdeAndradePacheco.pdf> Acesso em: 20 jan. 2014.
- PALMAR, Aluizio. Documento Confidencial do Exército Sobre Elis Regina. **Documentos Revelados**, 5 set. 2012. Disponível em: <<http://www.documentosrevelados.com.br/repressao/documento-confidencial-do-exercito-sobre-elis-regina/>>. Acesso em: 19 ago. 2014.
- REGINA, Elis. **Vox Populi**, 1978. Entrevista concedida a Paulo Roberto Leandro. Disponível em: <<http://letras.mus.br/elis-regina/112694/>>. Acesso em: 25 ago. 2014.
- REGINA, Elis. **Vox Populi**, 1978. Entrevista concedida a Paulo Roberto Leandro. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=HHXwtLavFl0>>. Acesso em: 25 ago. 2014.
- REGINA, Elis. **Vox Populi**, 1978. Entrevista concedida a Paulo Roberto Leandro. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=abPx7-jrKuQ>>. Acesso em: 25 ago. 2014.
- REGINA, Elis. **Show Saudade do Brasil**. Brasil, 1980. Entrevista concedida a Tutti Maravilha. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=161JLVdfsTs>>. Acesso em: 25 ago. 2014.
- REGINA, Elis. **Agora Sou Uma Estrela**, 1982. TV Globo. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=9E1fUkoPr1M>>. Acesso em: 25 ago. 2014.
- REGINA, Elis. **O Jogo da Verdade**, 1981. Entrevista concedida a Salomão Esper. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=YnAyyho01PM>>. Acesso 25 ago. 2014.
- TUNAI. Agora Tá. Interprete: Elis Regina. Disponível em: <<http://letras.mus.br/elis-regina/248627/>>. Acesso em: 8 mar. 2014.
- VILALBA, Rodrigo. **Teoria da comunicação: conceitos básicos**. São Paulo: Ática, 2006.

ABSTRACT

The proposal presented in this research consists on showing how much Elis Regina reigned and reigns absolute until today on national musical scenario and how much her music was important for her to establish exquisite communication with the Brazilian people at different times, especially during the military dictatorship. The methodology used in this research was based on the analysis of the model proposed by theorist of the communication Harold Lasswell, making parallel with the communication established by Elis Regina. Her communicative act had no barriers, on the interviews she granted spoke everything she thought, or almost everything, since on her time the repression was always alert to what could be against their crooked principles. The said singer, this way, was elected by the majority of the population as their spokeswoman, so, what was said by her, whether in verse or prose was easily captured. Perhaps this is one of the contributing factors to Elis Regina be regarded as the great and irreplaceable Brazilian singer and communicator, as it will be seen throughout this article.

Keywords: Elis Regina. Music. Social Communication.

RESUMEN

Esta investigación tiene como propuesta mostrar lo cuán importante fue y es Elis Regina en la escena musical nacional, además de demostrar cómo su música establecía una importante comunicación con el pueblo brasileño en diferentes momentos históricos, sobre todo durante la dictadura militar. La metodología utilizada en esta investigación se basó en el análisis del modelo propuesto por el teórico de la comunicación Harold Lasswell, con el cual se hizo un paralelo con la comunicación establecida por Elis Regina. Ésta en su acto comunicativo no tenía límites, pues en las entrevistas que concedía decía todo lo que pensaba o casi todo, ya que en su tiempo había la represión que controlaba todo lo que no estaba de acuerdo con sus principios. De ahí que el pueblo eligió la cantante, Elis Regina, como su portavoz, así que lo que ella decía sea verso o en prosa era fácilmente comprendido. Tal vez sea ese uno de los factores que contribuyeron para que consideraran Elis Regina como la gran e insustituible cantante y comunicadora brasileña, como se puede leer a lo largo de este artículo.

Palabras clave: Elis Regina. Musica. Comunicación Social.

Recebido: 30.05.2015

Aceito: 13.09.2015